



**FACULDADE DE INHUMAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE INHUMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALEXANDRE MARTINS DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS: O PAPEL DA EDUCAÇÃO
FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR: ANÁLISES E REFLEXÕES**

**INHUMAS-GO
2020**

ALEXANDRE MARTINS DE OLIVEIRA

INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR: ANÁLISES E REFLEXÕES

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física, da Faculdade de Inhumas (FACMAIS) como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Professor orientador: Ezequiel Pereira Lima

**INHUMAS – GO
2020**

ALEXANDRE MARTINS DE OLIVEIRA

INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR: ANÁLISES E REFLEXÕES

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO ALUNO

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física, da Faculdade de Inhumas (FACMAIS) como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Inhumas, ____ de junho de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Ezequiel Pereira Lima
Orientador e presidente da banca

Prof. Ma. Amanda de Sá Martins de Bessa
Membro convidado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
BIBLIOTECA FACMAIS

O48i

OLIVEIRA, Alexandre Martins de.

Inclusão escolar de crianças autistas: O papel da educação física para o desenvolvimento motor: Análises e reflexões/ Alexandre Martins de Oliveira. – Inhumas: FacMais, 2020.
52 f.: il.

Orientador: Ezequiel Pereira Lima.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Centro de Educação Superior de Inhumas - FacMais, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Inclusão, 2. Autismo, 3. Educação Física . I. Título.

CDU: 796

A todos aqueles que olham para a Educação como algo libertador, pois, não há nada mais frustrante que mentes aprisionadas pelas grades da ignorância. Também a toda minha família, pais e irmãos, pois foram neles que encontrei forças para caminhar rumo a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu a oportunidade de viver bem com saúde e conseguir ingressar em um curso superior, poder cursá-lo com determinação e muita benção. Que eu possa me tornar um profissional respeitado, por sempre estar determinado a semear o conhecimento por onde passar.

Aos familiares, minha mãe, Edna Gomes de Oliveira, Divino Braz de Jesus, aos meus dois irmãos, Elídio Martins de Oliveira e Leandra Braz de Oliveira, aos meus avós, meus tios que sempre me apoiaram nesta caminhada. Ao meu primo Phablo Felipe de oliveira, por todas as discussões realizadas voltadas para a educação. Ao meu cunhado Raphael Henrique Pires Ribeiro, professor de Educação Física, que sempre me apoiou ao longo deste glorioso caminho. Em especial ao meu primo, Adenilson Rubens Peçanha Alves, que sempre me mostrou o verdadeiro valor da simplicidade, que para ser feliz não precisa somente de dinheiro, mas sim de viver fazendo o que gosta, perto de quem a gente gosta. Aos meus melhores amigos, Ismael dos Santos e Wesley Leobaldo, Adão da Silva, Sara Gomes da Silva, por sempre compartilhar momentos felizes e com simplicidade ao meu lado.

Ao orientador, Ezequiel Pereira de Lima, que sempre me apontou os caminhos corretos relacionados à educação. Buscando contribuir para este tão sonhado curso na área da educação. Espero seguir seus passos, sendo atencioso e ótimo professor, usando metodologias simples, mas eficazes para o desenvolvimento das aulas.

Aos professores, Marcelo Galdino, Amanda Bessa, Arita Montanine, Hamilton Júnior, Osvaldo Sobral, Rafael Ferraz, Júlio César, Elizabeth, Lucineide Pessoni, Oli, Juliana Balestra, Talita Gastaldi. Enfim, todos aqueles que contribuíram para a minha formação, desde o início na pré-escola, até a faculdade, serei eternamente grato.

Aos colegas de curso.

*“Eu não permitirei que ninguém ande por
minha mente com seus pés sujos.”*

(M. Gandhi)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Abordagem Desenvolvimentista
TEA	Transtorno do Espectro Autista
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
EDM	Escala de Desenvolvimento Motor
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a uma condição humana de modo geral. O presente estudo é resultado de uma pesquisa do tipo bibliográfica. Para realização desta, foram feitos levantamentos teóricos com autores que abordam a temática inclusão, autismo, abordagem desenvolvimentista, Gallahue, et al. (2013), Go Tani (2005-2008), Montoan (2015), Neto (2013), entre outros. Tem como objetivo analisar diversas possibilidades onde a educação física, pode contribuir no desenvolvimento motor deste grupo de crianças de forma a incluir os alunos com Transtorno do Espectro Autista. Assim, busca-se envolver os alunos autistas, detalhando a importância da disciplina Educação Física no desenvolvimento social, motor e cognitivo. A Educação Física tem uma importância essencial no desenvolvimento motor, social e cognitivo dos autistas, e as aulas devem ser pedagogicamente bem planejadas para este público. Não sendo aceitável improvisar, o professor de educação física precisa adquirir um conhecimento amplo e reconhecer diversas metodologias ao planejar suas aulas. Isto porque o processo de inclusão é dever de todos, sendo necessário compreender, atender as necessidades de cada criança e respeitar seus limites, atribuindo valores e adquirindo bons resultados na aprendizagem educacional. Os resultados apontam que, diante de tal contexto, a escola como espaço de promoção do diálogo deve ser promotora de ações pautadas na perspectiva inclusiva, promovendo a compreensão dos docentes de educação física sobre a importância de colocar a educação física usando métodos desenvolvimentistas a contribuir com o desenvolvimento destes alunos de maneira que todos possam ter direito à aprendizagem e ao atendimento adequado.

Palavras-chave: Inclusão. Autismo. Educação Física.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) refers to a human condition in general. The present study is the result of a bibliographic research. To carry out this, theoretical surveys were made with authors that address the theme of inclusion, autism, developmental approach, Gallahue, et al. (2013), Go Tani (2005-2008), Montoan (2015), Neto (2013), among others. It aims to analyze several possibilities where physical education can contribute to the motor development of this group of children in order to include students with Autism Spectrum Disorder. Thus, it seeks to involve autistic students, detailing the importance of the Physical Education discipline in social, motor and cognitive development. Physical Education has an essential importance in the motor, social and cognitive development of autistic people, and classes must be pedagogically well planned for this audience. It is not acceptable to improvise, the physical education teacher needs to acquire extensive knowledge and recognize different methodologies when planning his classes. This is because the inclusion process is everyone's duty, being necessary to understand, meet the needs of each child and respect their limits, assigning values and acquiring good results in educational learning. The results show that, in view of this context, the school as a space for promoting dialogue should promote actions based on an inclusive perspective, promoting the understanding of physical education teachers about the importance of placing physical education using developmental methods to contribute with the development of these students so that everyone can have the right to learning and adequate service.

Keywords: Inclusion. Autism. Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA RELAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR	13
1.1. COMPREENDENDO O QUE É O AUTISMO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	15
1.2. AUTISMO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: PROBLEMAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES	18
1.3. AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR	22
2. ABORDAGENS DESENVOLVIMENTISTAS E SUA RELAÇÃO NA VIDA DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE): AUTISTAS	25
2.1. FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR: DO BEBÊ A FASE ADULTA	26
3. MÉTODOS DE INTERVENÇÕES USANDO A ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTAS PARA ALUNOS COM TEA: TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO	33
3.1. EFEITOS DE INTERVENÇÕES RELACIONADAS AO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS AUTISTAS	33
3.2. PLANEJAMENTOS E EXEMPLOS DAS INTERVENÇÕES USADAS	35
3.3. DISCUSSÕES RELACIONADOS ÀS INTERVENÇÕES.	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho: inclusão de crianças autistas com foco na Educação Física e o desenvolvimento motor, faz referência à importância que ao se tratar da inclusão, no mundo atual, devido a algumas lacunas que ainda estão por preencher a respeito deste viés, assim podemos identificar alguns pontos que esta pesquisa nos condicionará a ideia do proposto tema. Devido a alguns pensamentos que compreende a educação de hoje, podemos e esperamos com este trabalho completar algumas ideias relacionadas à inclusão e ao próprio transtorno do espectro do autismo, adquirindo mais informações voltadas a este modo educacional.

Este trabalho, objetiva analisar, as possíveis contribuições que a educação física relacionada ao desenvolvimento motor pode trazer para uma criança autista, para tanto foi necessário examinarmos temas paralelos a este, por exemplo, também iremos falar sobre os temas inclusão, e para alimentar a ideia das possíveis contribuições da Educação Física trataremos de ressaltar a Abordagem Desenvolvimentista que neste papel contribuinte ao desenvolvimento do autista é a abordagem que falaremos mais no decorrer das pesquisas.

Este trabalho propõe examinar alguns artigos científicos relevantes em relação ao nosso tema, e alguns livros mais conceituados, por exemplo: Compreendendo o desenvolvimento motor, de Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) outro também como: Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer? De Maria Tereza Eglér Montoan (2015). Estes são livros que usamos como base para as pesquisas.

Estes autores consistem em mais um esforço no sentido de apresentar a todas as pessoas que trabalham com a educação, as possíveis maneiras de inclusão que devemos praticar no sentido de levar a educação a todas as pessoas que buscam o conhecimento. Também atentarmos para as necessidades de usar a Educação física como meio para atender crianças com necessidades especiais que nos cercam e merecem o mesmo nível de educação que aplicamos a todos, pretende-se contribuir para a compreensão de certos parâmetros que nortearam a inclusão em busca de melhorias na vida social de pessoas que realmente necessitam de atendimento especial.

Ante o exposto, a problemática de pesquisa que norteou este trabalho foi: como a Educação Física pode melhorar os conhecimentos teóricos e práticos relacionados aos aspectos sociais, cognitivos e motores de crianças autistas? De antemão sabemos que existe uma engrenagem social que trabalha em volta destes meios dentro da educação que são os professores, este trabalho consiste em apresentar ao mundo educacional algumas possíveis contribuições e conceitos relacionados em torno do nosso tema, conceitos voltados para a inclusão, o autismo e a abordagem desenvolvimentista na qual apoiamos para nortear as possíveis intervenções relacionando a Educação Física com o desenvolvimento de crianças autistas.

Para a sociedade estudos nesse sentido tem uma relevância muito ampla, contribuindo para a formação de pensamentos mais críticos e solidários em relação a pessoas com necessidades especiais, pois como bem sabemos, o desrespeito social, para com este grupo de pessoas, se apoia na falta de conhecimento voltados para esta temática, assim esperamos contribuir para a construção de mentalidades críticas relacionados à inclusão.

A metodologia usada é respaldada em uma pesquisa do tipo bibliográfica, consultando artigos científicos, livros relacionados com o nosso tema proposto. Através destas pesquisas, podem abrir caminhos para a construção de pensamentos críticos voltados para a educação, incluindo e elaborando conhecimentos precisos para a educação inclusiva.

Os referenciais teóricos que embasamos para fundamentarmos o referente trabalho em relação à temática, serão construídos com base nas leituras de: Montoan (2015), Gallahue, Ozmun e Goodway, (2013), Go Tani (2005 e 2008), Neto (2013), Saviani (2014), entre outros relacionados aos temas propostos dentro da construção do tema. As leituras dos trabalhos destes autores permitiram-nos perceber um viés de análise que procura evidenciar, que através da Educação Física, podemos contribuir para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo, adquirindo possíveis melhoras significativas em seu desenvolvimento social, cognitivo, motor e afetivo de crianças autistas.

Para tal, a pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo será apresentado, o Transtorno do Espectro Autista e Educação Física uma relação no desenvolvimento motor, este capítulo objetiva mostrar como a Educação Física pode melhorar os conhecimentos teóricos e práticos relacionados aos aspectos sociais

cognitivos e motores de crianças autistas. No segundo capítulo, trataremos do tema Abordagem Desenvolvimentista, apontando seus autores, e conceitos voltados para esta abordagem da Educação Física. O terceiro, apresenta uma análise de métodos de aulas voltados para a busca do desenvolvimento motor de crianças autistas.

Este trabalho, voltado para a Inclusão, simplesmente busca contribuir para com, o papel da educação inclusiva, adquirindo novas formas de pensamentos e maneiras de analisarmos as condições que uma criança com necessidades especiais pode desenvolver como uma pessoa sem nenhum problema, relacionados a estes, assim buscaremos o máximo de informações possíveis para essa construção de conhecimentos. A inclusão é um método eficaz e humano, pois o direito à educação é ampliado a todos, quem nos dá este respaldo de educação é a constituição de 1988, que evidencia a prática de educação a todos, este trabalho só nos alimenta de mais conhecimentos possíveis voltados a este tema.

1. TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA RELAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR

Este capítulo objetiva mostrar como a Educação Física pode melhorar os conhecimentos teóricos e práticos relacionados aos aspectos sociais cognitivos e motores de crianças autistas. Para tal, ele estará subdividido em três partes: a primeira compreende-se em Autismo e Educação Física, logo, buscaremos entender a relação que a Educação Física se propõe quando relacionada com crianças autistas melhorando seu desenvolvimento em variadas etapas de sua evolução como pessoas, conceituaremos o que é o autismo, também discorreremos sobre como esta síndrome se desenvolve e como identificar as crianças autistas. A segunda apresenta o autismo e sua relação na escola, neste tópico, mostraremos aos leitores a importância da inclusão de crianças autistas relacionadas no contexto educacional. A terceira e última parte, apresenta o Autismo e Educação Física: uma análise preliminar, nesta abordagem buscaremos, informar a condição que a criança autista se encontra hoje dentro da educação, e como a Educação Física pode interferir em seu processo de aprendizagem.

Como bem sabemos, é necessário que a busca pela informação relacionada à pessoas com quaisquer que sejam suas necessidades especiais, seja cada vez mais aprofundada, pois é necessário que os professores que atuam no campo da educação tanto pública quanto privada, se apropriem de todo conhecimento possível acerca desta abordagem que estamos tratando, pois para que se estabeleça a inclusão de todos de maneira uniforme. Para Sobral (2019), na contemporaneidade, as demandas da vida moderna impõem à maioria das pessoas acesso às tecnologias da informação e de outros recursos tecnológicos do mundo virtual e globalizado. Nos grandes centros urbanos, para o autor existe uma imensa suscetibilidade ao desequilíbrio mental e orgânico. Logo percebemos através desta afirmação que as possibilidades de adoecimento são maiores.

Nesse sentido, constituem as diversificadas formas adversas ao que se convencionou como condutas saudáveis e espontâneas as seguintes condições humanas: doenças mentais; transtorno de personalidades; transtorno do espectro autista (TEA); deficiências intelectuais sensoriais e físicas; deficiências múltiplas; e mobilidade reduzida (SOBRAL, 2019, p. 70).

Diante do exposto, notamos que estas condições relacionadas com distúrbios que afetam o desenvolvimento humano citado acima, está relacionada com o cotidiano de nossas realidades, pois esses fatores que abalam a condição humana precisam ser tratados, através da inclusão adquirindo e contribuindo para o desenvolvimento social mais humano e inclusivo, no segundo capítulo deste trabalho buscaremos trazer informações relacionadas a Abordagem Desenvolvimentista, como ela se manifesta atualmente, é o que pode ser melhorado para buscarmos atender este público-alvo.

No presente texto, iremos abordar o Autismo, após apresentar a importância de ser diagnosticada ainda cedo, levantaremos algumas discussões voltadas a este assunto. Para tanto, deixamos claro que ainda há um campo aberto para pesquisas aprofundadas relacionado aos transtornos e síndromes entre outros que citamos acima, para que os profissionais que trabalham com a Educação Física, possam aprofundar seus conhecimentos e assim contribuir com o desenvolvimento social, cognitivo e motor de seus alunos.

Dentro da perspectiva que adotaremos para usar como meio no processo de desenvolvimento de crianças autistas que estão relacionadas no contexto educacional, atentarmos para as propostas relacionadas à abordagem desenvolvimentista (AD), pois como bem sabemos na trajetória de uma criança desde o ensino fundamental 1, é necessário para seu desenvolvimento motor o movimento. Tani (2005, p. 315) afirma que: “A AD reconhece e enfatiza o valor do movimento nas suas diferentes dimensões e manifestações: biológica, social, cultural e evolutiva.” Logo, notamos que o movimento faz parte do processo vital de todo ser, para tanto, é necessário fazer uso deste meio para intervir no processo de desenvolvimento de crianças autistas, logicamente usando as bases e competências da Educação Física, para o mesmo autor: “É por meio de movimentos que o ser humano interage com os meios físico, social e cultural em que vive” (2015, p. 315). Assim sendo, podemos perceber através da literatura, que crianças autistas tendem a ter dificuldades quando relacionadas com o meio social.

Oliveira e Sertié (2017, p. 233) apontam que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de distúrbios, “relacionados ao desenvolvimento neurológico caracterizado por afetar o comprometimento das habilidades sociais e a comunicação, além de comportamentos estereotipados e ecolalias” (repetição involuntária de palavras ou frases). Do exposto, depreende-se que é importante

relacionar a criança autista com o meio social, para tanto, é significativo que o professor faça o uso de todos os meios possíveis para contribuir no desenvolvimento de crianças autistas. Ainda em relação à interação com o meio na AD, Tani (2005) afirma que na perspectiva biológica, essa interação mediante constante troca de matéria/energia e informação é um aspecto fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento de todo e qualquer sistema vivo.

Do exposto, notamos que quando existe a troca de informação, de culturas, de matéria, ou seja, quando se faz o uso da convivência com o outro é possível que o desenvolvimento se contextualiza de maneira mais explícita, em outras palavras o desenvolvimento social se concretiza, buscando de maneira organizada contribuir para a vida social da criança autista, assim sendo, a AD, segundo Tani (2005), pode somar positivamente para o desenvolvimento da criança autista.

1.1. COMPREENDENDO O QUE É O AUTISMO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a uma condição humana de modo geral, relacionado a um conjunto de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o nascimento. Esse distúrbio se caracteriza pelas dificuldades relacionadas à comunicação e comportamentos repetitivos (PENSI, 2019). Logo, podemos compreender que crianças autistas encontram dificuldade em se socializar, para se desenvolverem como indivíduos sociais.

Estima-se que “o TEA afete 1% da população, e seja quatro vezes mais predominante entre homens do que entre mulheres, embora é considerado uma doença geneticamente heterogênea e complexa”, pois apresenta diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017, p. 234). Logo, podemos entender que é valioso considerar aspectos epidemiológicos e evolutivos, bem como todo o conhecimento disponível sobre as alterações moleculares relacionadas à doença.

Para tanto:

Primeiramente, devemos considerar uma regra evolutiva primordial que influencia a frequência de variantes genéticas presentes na população: se uma determinada variante genética tem efeito nocivo para o organismo e

afeta negativamente a chance reprodutiva dos indivíduos (seu potencial reprodutivo), esta variante tende a apresentar baixa frequência na população, já que não será transmitida para as próximas gerações (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017, p. 234).

Do exposto podemos ressaltar partindo do pressuposto que, é isto que acontece na maioria das doenças monogênicas: elas são geralmente raras na população, ou seja, o número ainda é pequeno devido à baixa frequência dos respectivos alelos causais, porém está se evoluindo segundo as pesquisas realizadas dentro da área de estudo, pois quando nos referimos ao contexto educacional, o índice de alunos com TEA, nos surpreende cada vez mais.

Para tanto, é necessário que muitos cuidados sejam tomados ao longo do tratamento desta síndrome, especificamente quando lidamos com a educação do corpo, à achados na literatura que caracteriza o grupo que o autismo se manifesta, em consonância com DSM-5 (2014), o TEA está inserido no grupo dos Transtornos do Neurodesenvolvimento, que se manifestam no início do desenvolvimento da vida humana, e são caracterizados da seguinte forma: transtornos do autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo e auto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger.

Para a maioria dos casos de TEA, segundo Oliveira e Sertié (2017), não existem sinais clínicos que indiquem uma alteração genética específica, ou seja, ainda estamos tratando de pressuposições lógicas. No entanto, o TEA pode fazer parte da sintomatologia de alguns transtornos monogênicos e metabólicos, em outras palavras alguns sintomas referentes ao TEA, pode se manifestar em outras doenças. Para tanto, uma avaliação clínica cuidadosa e objetiva do paciente e o estudo da história familiar, que “fornecem informações sobre possíveis padrões de herança, podem melhorar a precisão do diagnóstico e a escolha dos testes moleculares apropriados para serem usados em cada caso específico” (OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017, p. 235).

Assim sendo, percebemos na medicina todo o cuidado ao se tratar do termo Transtorno do Espectro do Autismo, pois como bem notamos, a capacidade de diagnosticar de forma equivocada pode ser de alto risco, sabendo que alguns sintomas podem ser bastante idênticos a outras doenças sociais. Diante a esta informação, é necessário que quaisquer que seja o grupo de profissionais que irão

trabalhar com crianças com TEA, busquem o máximo de informações possíveis relacionado a este transtorno, para que desenvolvam um bom trabalho de forma qualitativa dentro de suas propostas seja ela qual for educacional ou medicinal.

O grupo que iremos nos referir no presente trabalho, é aquele no qual está inserido no contexto educacional, ou seja, o autismo que pode ser controlado e tornando a criança autista, capaz de se desenvolver como as crianças que não possuem o TEA, em outras palavras estão lidando com o autista de grau leve. Para Sobral (2019), as características gerais do TEA, que comumente se manifestam em todos os casos que referimos anteriormente, os prejuízos na comunicação e na interação social, “os diagnósticos são mais válidos e confiáveis quando baseados em múltiplas fontes de informação, incluindo observações do clínico, história do cuidador, e quando possível, auto relato” (SOBRAL, 2019, p. 53). Para tal autor, percebe-se que não importa qual nível de autismo que a criança tenha, a sua comunicação e interação social será afetada, e isto acarreta variados fatores que também serão afetados pela síndrome.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), decorre de perturbações do desenvolvimento neurológico, manifestadas geralmente a partir dos 3 anos de idade, período em que os neurônios responsáveis pela comunicação e pelas relações sociais não estabelecem as conexões tipicamente estabelecidas (PESSOA, 2019 p. 03).

Diante disso, notamos que todo o desenvolvimento que a criança deve alcançar na infância até a adolescência, pode ser barrado, em outras palavras podem aparecer múltiplas dificuldades quando nos referimos ao meio em que a criança convive, seja ela em sintonia com a família, sociedade, escola, em geral todos os ambientes que ela está relacionada, pois é necessário que a criança vivencie experiências cotidianas para contribuir com o seu desenvolvimento.

Pessoa (2017), denomina espectro, por evidenciar várias condições que englobam desde níveis mais leves até níveis mais profundos de comprometimento nestas conexões, relacionada a postura social, resultando em diversos tipos de autistas, que se manifesta de maneira diferente em cada indivíduo. Muitas pesquisas recentes mostram que a incidência de Transtornos do Espectro Autista é de uma pessoa a cada 100, sendo mais relevante em meninos do que em meninas. Segundo o mesmo autor, o TEA é mais comum do que se imagina, por conta da enorme diversidade de manifestações dentro do espectro.

Assim sendo, o TEA é uma síndrome que tem efeito extremamente deletério, afetando todas as fases do desenvolvimento motor humano, como bem sabemos é de suma importância ao professor de Educação Física, se aprofundar em conhecimentos específicos desta síndrome, para que possa desenvolver suas aulas práticas ou teóricas de cunho desenvolvimentista, estabelecendo relações entre realidade dos alunos e teoria de ensino, utilizando destes conhecimentos produzidos dentro das academias de ensino, e conseqüentemente condicionando o aluno autista a ter uma melhora significativa em sua vida familiar, social e escolar.

No próximo tópico da pesquisa abordaremos o TEA e suas relações com a escola, para isso podemos referir ao trabalho do professor de Educação Física com este grupo de alunos, pois, “O trabalho dos professores de Educação Física com alunos com deficiência se insere hoje num contexto mundial de conquistas legislativas que garantiram uma série de direitos às pessoas com deficiência” (MENDES; PÁDUA, 2010, p. 13), mas principalmente nas instâncias da profissão, saúde, educação, lazer, moradia e acessibilidade. Logo, notamos a importância deste profissional na intervenção do desenvolvimento destes grupos de alunos, como bem sabemos o corpo humano está em constante desenvolvimento, e através da Educação Física, podemos desenvolver um excelente trabalho especialmente com alunos com TEA.

1.2. AUTISMO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: PROBLEMAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

A escola vem mudando constantemente, podemos notar através das observações feitas, e que adquirimos devido termos passado pelo mesmo processo de escolarização, e conversas realizadas com profissionais que já estão a bastante tempo inseridos dentro do contexto educacional. Entretanto, além de mediar o conhecimento o professor facilitador, também é compelido a observar a postura e conduta de cada aluno que está inserido no contexto educacional através da escola. Quando nos referimos ao TEA, percebemos que é imprescindível que esta atenção seja maior, pois como já descrevemos anteriormente, é uma síndrome que se manifesta também através do comportamento em meio social, e seus sinais são bastante explícitos.

A identificação de sinais iniciais de problemas no primeiro plano da vida da criança possibilita a “instauração imediata de intervenções extremamente importantes, uma vez que os resultados positivos em resposta a terapias são tão mais significativos quanto mais precocemente instituídos” (CAMPOS; MENDES, 2014, p. 28)

Do exposto, percebemos a importância de se identificar a síndrome do espectro do autismo de maneira rápida, pois os resultados qualitativos, e a possível redução de muitos problemas decorrentes desta síndrome, podem ser controlados, já que ainda a medicina e a ciência, precocemente estudam e pesquisam a respeito de possíveis tratamentos farmacológicos em prol da cura do TEA.

Campos e Mendes (2014), ainda trazem outras informações importantes em relação a estrutura do TEA:

A maior plasticidade das estruturas anátomo-fisiológicas do cérebro nos primeiros anos de vida e o papel fundamental das experiências de vida de um bebê, para o funcionamento das conexões neuronais e para a constituição psicossocial, tornam este período um momento sensível e privilegiado para intervenções. Assim, as intervenções em casos de sinais iniciais de problemas de desenvolvimento que podem estar futuramente associados aos TEA podem ter maior eficácia, devendo ser privilegiadas pelos profissionais. Sabe-se que, para fins de diagnóstico, manifestações do quadro sintomatológico devem estar presentes até os 3 anos de idade (CAMPOS; MENDES, 2014, p. 16).

Diante da ideia apresentada, percebemos a importância de iniciar as intervenções com este grupo de alunos com TEA já nos primeiros anos na escola, para que futuramente alcance sinais mais significativos no processo de desenvolvimento, pois como foi notada, esta idade entre três e cinco anos, as crianças estão mais sensíveis a qualquer interferência no funcionamento neural, e isto possibilita ao profissional, conseguir melhores desempenhos qualitativos já nesta primeira etapa.

Para melhor nos informar sobre esses sinais que estamos identificando mostraremos uma pesquisa realizada por Campos e Mendes (2014), buscando identificar alguns sinais de crianças que não possuem o transtorno do espectro do autismo, e crianças com TEA. Indicadores do desenvolvimento e sinais de alerta (de 24 a 36 meses) Interação social:

Os gestos (o olhar, ou apontar etc.) são acompanhados pelo intenso aumento na capacidade de comentar e/ou fazer perguntas sobre os objetos e as situações que estão sendo compartilhadas. A iniciativa da criança em apontar, mostrar e dar objetos para compartilhá-los com o adulto aumenta

em frequência. Os gestos e comentários em resposta ao adulto tendem a aparecer isoladamente ou após muita insistência. As iniciativas são raras. Tal ausência é um dos principais sinais de alerta para TEA (CAMPOS; MENDES, 2014, p. 31).

Diante do exposto, notamos a dificuldade da criança autista em identificar os objetos e assim, mostrar para quem está próximo o que ele quer, isso pode e deve ser identificado pelos pais, mas caso passe despercebido pelos responsáveis, passa a ser responsabilidade do professor. Indicadores do desenvolvimento infantil sinais de alerta para TEA de 24 a 36 meses.

A fala está mais desenvolvida, em crianças ditas como normais, mas ainda há repetição da fala do adulto em várias ocasiões, com utilização no contexto da situação de comunicação. Em contraposição, criança com TEA pode apresentar repetição de fala da outra pessoa sem relação com a situação de comunicação, em outras palavras fora do contexto. A criança começa a contar pequenas histórias, a relatar eventos próximos já acontecidos, a comentar eventos futuros, sempre em situações de diálogo (com o adulto sustentando o discurso).

A criança com TEA pode apresentar dificuldades ou desinteresse em narrativas referentes ao cotidiano e se isolar de assuntos que não desperte o seu interesse. Pode repetir fragmentos de relatos e narrativas, inclusive de diálogos, em repetição e de forma independente da participação da outra pessoa. A criança sem a síndrome canta e pode recitar uma estrofe de versinhos (em repetição). Já faz distinção de tempo (passado, presente e futuro), de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural), quase sempre de forma adequada (sempre em contexto de diálogo). Produz a maior parte dos sons da língua, porém pode apresentar “erros”. A fala tem uma melodia bem infantil ainda, a voz geralmente é mais agudizada, a criança com TEA pode tender à ecolalia a distinção de gênero, número e tempo não acontece, contos e versos só são recitados em repetição aleatória, a criança não “conversa” com o adulto. (CAMPOS; MENDES, 2014).

Percebe-se então, que a ecolalia está presente na criança com TEA, ou seja, quando as repetições de falas fora do contexto dialético que está acontecendo deve ser notado pelo professor, buscando sempre a intervenção, procurando sempre contribuir de forma qualitativa para o desempenho deste aluno dentro da aula, de maneira mais pedagógica possível, pois é de extrema importância que este aluno não perca a vontade de estar ali, se caso isso acontecer pode vir a ser um problema para o professor (CAMPOS; MENDES, 2014).

A criança, sem o autismo nas brincadeiras, como por exemplo, faz de conta, usa um objeto “fingindo” que é outro (um bloco de madeira pode ser um carrinho, uma caneta pode ser um avião etc.). Esta mesma criança brinca imitando os papéis dos adultos (de “casinha”, de “médico” etc.), construindo cenas ou histórias. Ela própria e/ou seus bonecos são os “personagens”. Já a criança com TEA raramente apresenta esse tipo de brincadeira ou o faz de forma bastante repetitiva e pouco criativa.

A criança não autista gosta de brincar perto de outras crianças (ainda que não necessariamente com elas) e demonstra interesse por elas (aproximar-se, tocar e se deixar tocar etc.). Logo, a ausência dessas ações pode indicar sinal de TEA. As crianças podem se afastar, ignorar ou limitar-se a observar brevemente outras crianças à distância. Aos 36 meses, a criança gosta de propor/engajar-se em brincadeiras com outras da mesma faixa de idade, a criança com TEA, quando aceita participar das brincadeiras com outras crianças, em geral, têm dificuldades em entendê-las (CAMPOS; MENDES, 2014).

Do exposto, nada mais prova que a dificuldade que a criança com TEA, têm para se socializar, em relação ao contexto educacional, isso pode ser mais comum, pois é neste momento que a criança passa a se relacionar com outras crianças caso esta seja filha ou filho único, e cabe ao profissional a intervenção correta como estamos falando de crianças entre 3 e 5 anos, isso claramente pode vir a acontecer no ambiente escolar.

Alimentação, momento importante seja em casa ou na escola, pois, como podemos identificar existem casos de crianças que não vem com estes saberes de separar as refeições em relação ao café da manhã, almoço e jantar.

A criança já participa das cenas alimentares cotidianas: café da manhã, almoço e jantar. É capaz de estabelecer separação dos alimentos pelo tipo de refeição ou situação (comida de lanche, festa, almoço de domingo etc.). Há o início do manuseio adequado dos talheres. A alimentação está contida ao longo do dia (retirada das mamadeiras noturnas) (CAMPOS; MENDES, 2014, p. 28).

Logo, notamos o desenvolvimento caminhando de maneira normal de uma criança que não apresenta a síndrome do espectro do autismo, sendo capaz de identificar de maneira correta as cenas e matérias alimentares, pois na escola isto acaba sendo de muita importância até para o desenvolvimento dentro e fora da sala de aula.

A criança com TEA pode ter dificuldade com este esquema alimentar: permanecer na mamadeira, apresentar recusa alimentar, não participar das cenas alimentares e não se adequar aos “horários” de alimentação. Pode querer comer a qualquer hora e vários tipos de alimento ao mesmo tempo. Pode passar longos períodos sem comer. Pode só comer quando a comida for dada na boca ou só comer sozinha etc (CAMPOS; MENDES, 2014, p. 29).

Assim sendo, a maneira com a qual a criança vai se acostumando a qualquer hábito seja alimentar, dialético, ou funcional cabe primeiramente aos responsáveis esta preparação, mas como já nos referimos anteriormente, caso estes modos de convivência não estejam preparados é necessário que o professor interfira pedagogicamente, pois o aluno com TEA, quando inserido na escola manifesta muitas dificuldades relacionadas a estas preparações, estes sinais citados acima se refere a crianças entre 24 a 36 meses de vida, ou seja, de 2 a 3 anos de idade, sabendo que pode se alongar entre 5 a 7 anos de idade, e assim o professor deve obter conhecimentos necessários para lidar com este grupo de alunos que já estão na escola.

1.3. AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Quando nos deparamos com o tema Autismo e Educação Física percebeu-se através dos estudos analisados, que estes nos revelaram a partir da lógica que os professores de educação física encontram inúmeras dificuldades para a inclusão do estudante com TEA, por exemplo: 1) falta de informação a respeito do TEA; 2) ausência de uma formação ligada ao TEA; e 3) falta de apoio da equipe de gestão escolar (COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017). Logo, notamos a deficiência que a educação apresenta quando relacionada a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Quando partimos do pressuposto que falta informação dos professores a respeito do TEA, através das pesquisas, identificou-se que os professores possuem dúvidas básicas em relação ao TEA, às características e aos comportamentos que são inerentes ao transtorno. Essa ausência ocorre, principalmente, em virtude da formação do docente.” (COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017, p. 81). Do exposto notamos que as academias que muitos professores de Educação Física se formaram, não contribuíram ou, deixou muito a desejar na questão da inclusão escolar e as dificuldades de trabalhar com crianças com TEA, tanto na parte teórica

quanto na prática no campo de estágio, porém, nos dias de hoje isto também é muito notado, caso este queira se capacitar para que possa vir a trabalhar com este público de alunos especiais, é imprescindível tomar providências que buscam formação aprofundada do tema.

Diante das iniciativas científicas foram identificados seis estudos que apresentam, em seus conteúdos, seja ele teórico ou prático, algumas das estratégias utilizadas por professores de educação física para a inclusão do estudante com TEA. “Percebeu-se que os estudos analisados pontuam ser responsabilidade do professor utilizar estratégias de ensino que possam favorecer a inclusão do estudante com TEA.” (COSTA; FERREIRA; LEITÃO, 2017, p. 82).

Assim sendo, em consonância com os autores, percebemos que as adaptações e flexibilizações das aulas, devem partir dos conhecimentos do professor para que se estabeleça a relação de todos os alunos, utilizando de forma sucinta a prática corporal adequada a cada aluno na perspectiva desenvolvimentista como foi citado anteriormente, em benefício de melhoria de vida do aluno com TEA, na sociedade, na família e no decorrer de qualquer caminho profissional que o mesmo escolher. Para tanto, esta interferência profissional, necessita ser iniciada nos primeiros anos da educação básica, ressaltando a AD, pois: “o desenvolvimento motor é um processo complexo, que ocorre ao longo da vida” (GALLAHUE; OZMUN e GOODWAY, 2013, p. 207).

Diante de tudo que foi abordado neste capítulo, podemos nos atentar a importância de identificar um professor licenciado em Educação Física dentro de uma unidade escolar para que possa interferir e contribuir na etapa de desenvolvimento de crianças autistas, partindo do uso da abordagem desenvolvimentista onde a criança aprende brincando se movimentando e criando laços entre a sua vida e o mundo onde ela está envolvida. Para tanto, é formidável que este profissional busque conhecimentos suficientes para dar uso em seu cotidiano, e contribuir positivamente na vida de crianças autistas.

Para dar continuidade as nossas pesquisas, no próximo capítulo iremos apresentar a Abordagem Desenvolvimentista (AD) de maneira mais aprofundada, pois se trata de uma maneira mais eficaz no processo de ensino/aprendizagem de crianças que possuem o transtorno do espectro do autismo, notamos que existe uma dificuldade quando esta criança se envolve com o movimento. Buscaremos continuar contribuindo de modo promissor com a inclusão de alunos especiais

(autistas) nas aulas de Educação Física, utilizando esta linha de trabalho e esclarecendo ideias de como usá-la no dia-a-dia do professor de Educação Física dentro da instituição de ensino.

2. ABORDAGENS DESENVOLVIMENTISTAS E SUA RELAÇÃO NA VIDA DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE): AUTISTAS

O presente capítulo objetiva apresentar propostas metodológicas de ensino da educação física na construção do conhecimento utilizado no processo de inclusão de crianças com transtorno do espectro do autismo nas aulas de Educação Física. Para tal o mesmo foi subdividido em seções, a primeira discorreremos sobre a Abordagem Desenvolvimentista, suas fases, utilizando como referência, dentre eles, Gallahue *et al.* (2008; 2013), Tani (2005 e 2008) e como ela é utilizada dentro da educação física. Na segunda falaremos sobre o desenvolvimento do movimento motor, aqui conceituaremos a sua importância, a importância das habilidades motoras e os movimentos fundamentais, na terceira e última seção trataremos da utilização do movimento motor para o desempenho de crianças autistas dentro da escola.

Para compreendermos melhor sobre a Abordagem Desenvolvimentista (AD), partiremos do princípio do movimento, ou seja, a vida, onde existe vida existe movimento, o desenvolvimento humano depende do movimento, este fundamento não se restringe em apenas correr e andar, o ato da convivência humana é de forma natural no movimento, no trabalho, no interagir com pessoas e meios ou seja, tudo está ligado ao desenvolvimento motor, que naturalmente é uma fonte de crescimento e desenvolvimento. Para tanto é necessário que o movimento seja trabalhado de maneira a contribuir com este aspecto evolutivo conhecido como desenvolvimento motor.

Para Gallahue *et al.* (2008), o desenvolvimento nada mais é que o processo contínuo e gradativo de mudanças ao longo do tempo, que se inicia desde o feto e cessa somente na morte. Para o mesmo autor, “O desenvolvimento motor, portanto, pode ser visto como uma mudança progressiva do comportamento motor através do ciclo de vida.” (GALLAHUE *et al.*, 2008, p. 36).

Para Tani (2008), a AD inicia-se ao do básico de que, como dentro do ciclo de vida de todos os seres humanos é possível notar uma sequência normal nos processos de crescimento, que como sabemos são divididos em etapas do desenvolvimento e aprendizagem, as crianças necessitam ser orientadas em correspondência a esses processos, ou seja, algumas modelos de intervenções são

necessárias, pois só assim as suas reais necessidades e expectativas serão respeitadas. Em outras palavras, a AD procura mostrar que para a aplicabilidade de objetivos, métodos e conteúdo de ensino apropriado é importante considerar as necessidades e expectativas de aprendizagem que advêm do próprio processo de mudanças no movimento ao longo da vida.

Em primeiro lugar, o estabelecimento de objetivos, conteúdos e métodos de ensino coerentes com as características de cada criança; em segundo lugar, a observação e a avaliação mais apropriada dos comportamentos de cada indivíduo, permitindo um melhor acompanhamento das mudanças que ocorrem e, finalmente, a interpretação do real significado do movimento dentro do ciclo de vida do ser humano (TANI *et al.*, 2008, p. 2).

Diante do exposto, notamos a importância de respeitar cada etapa que a criança deve passar para que alcance resultados cabíveis com o seu processo de desenvolvimento motor, cabendo ao professor planejar aulas coerentes com o seu estágio de desenvolvimento, utilizando métodos que permitam o desenvolvimento motor, para que assim o aluno possa dar uso de cada processo que envolva o mover-se durante a aprendizagem, refletindo isso no seu comportamento cotidiano, no esporte, nas aulas de dança, na ginástica, mas como principal função em sua vida social.

Segundo Gallahue *et al.* (2013), o desenvolvimento motor nada mais é que um processo complexo, ou seja, é um processo longo e duradouro que ocorre ao longo da vida. Estamos sempre em desenvolvimento, desde a primeira fase (bebê), até o final da vida na velhice, e para que possamos compreendê-lo melhor ao longo do tempo o desenvolvimento motor foi dividido em etapas, que segundo os mesmos autores nos descreve como: fase dos movimentos reflexos, fase dos movimentos rudimentares, fase dos movimentos fundamentais, e fase dos movimentos especializados. Essas fases ou etapas da vida são construídas gradativamente, ou seja, são períodos que vão se finalizando e iniciando de maneira correta uma de cada vez gradativamente.

2.1. FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR: DO BEBÊ A FASE ADULTA

A fase dos movimentos reflexo motor, p para Gallahue *et al.* (2013), se baseia nos primeiros movimentos realizados da vida, e são movimentos involuntários, ou seja, controlados subcorticalmente, desde o útero até por volta de um ano de idade,

segundo o autor esses movimentos formam a base das fases do desenvolvimento motor. Assim sendo notamos que por serem movimentos que não são controlados propositalmente, para o autor “podem ter relação com o meio em que a criança (bebê) está inserida, por exemplo, sons, luz, reações a toques tudo isso interferem no desenvolvimento destes movimentos involuntários” (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013, p. 68).

Esta fase dos movimentos reflexos são divididas em duas etapas, a primeira é o estágio de codificação de informações, para Gallahue *et al.* (2013), essa é a fase de coleta de informação do cérebro, através de sensores motores ligados ao cérebro a criança absorve todas as informações ao seu redor, por exemplo: luz, som, movimentos, e através dos centros cerebrais esses controladores cerebrais são responsáveis por provocar reações involuntárias no bebê. Percebemos então que os centros cerebrais inferiores são mais desenvolvidos que o córtex motor, assim eles controlam os movimentos irregulares.

A segunda fase é o estágio de decodificação de informações, esta é a fase de processamento de informações, ou seja, a criança produz movimentos involuntários, mas logo são substituídos por movimentos voluntários. “O estágio de decodificação substitui a atividade sensório-motora pela atividade perceptivo-motora” (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 69). Ou seja, através das informações armazenadas o movimento é realizado de forma voluntária, e não só por reação aos estímulos.

Notamos então que em cada etapa da vida humana é necessário que a atenção seja concentrada no modo em que a criança se desenvolve, para que se possa assim notar as dificuldades que ela sente no seu período de desenvolvimento, e assim compreender onde existem falhas, por exemplo, como foi discutido no capítulo anterior às crianças com TEA, geralmente apresentam dificuldades nas fases iniciais, por isso é imprescindível que a pessoa com a qual a criança vive tenha bastante atenção e cuidados para que possa notar alguma diferença no seu processo de desenvolvimento motor, e tome algumas soluções. Porém, nas fases iniciais é necessário que o profissional seja ele do berçário ou creches tenha conhecimento do desenvolvimento de uma criança sem autismo, para que note as dificuldades que uma criança autista pode ter no seu processo de desenvolvimento, e assim tomar meios de intervenções em benefício da melhoria desta criança.

Após a fase dos movimentos reflexos, gradativamente, a criança chega até a fase dos movimentos rudimentares, que vai até meados dos 2 anos de idade, vale ressaltar aqui que estas fases são especificamente a compreensão da ampulheta de Gallahue, bem analisada e discutida no livro compreendendo o desenvolvimento motor. Para tal, o autor descreve os movimentos rudimentares como “as primeiras formas do movimento voluntário” e completa dizendo “os movimentos rudimentares são determinados pela maturação e são caracterizados por uma sequência de surgimento bastante previsível”. (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 70). Assim sendo notamos que esses movimentos irão surgir aleatoriamente, para o autor são os movimentos que envolvem estabilidade como controle sobre a cabeça, o pescoço e os músculos do tronco. “Movimentos de manipulação, alcançar, pegar, soltar, e os movimentos de locomoção de arrastar-se, engatinhar e caminhar” (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 70).

Diante do apresentado, percebemos que todos os movimentos gerados após os reflexos são caracterizados como rudimentares, todas as crianças sem a síndrome do espectro do autismo passam por essa etapa sem muitas dificuldade já corroborando com Sobral (2019) e Campos (2014), a grande maioria das crianças que possuem o autismo se encontram com algumas dificuldades neste período, pois podem ter os movimentos afetados por conta desta síndrome que ataca também o desenvolvimento motor da criança.

Os movimentos rudimentares também são divididos em dois estágios, o primeiro é o estágio de inibição ao reflexo, que segundo Gallahue *et al.* (2013), é a etapa em que os movimentos involuntários são influenciados pelo córtex cerebral em desenvolvimento, assim ele explica “Os reflexos primitivos e posturais são substituídos por comportamentos dos movimentos voluntários” (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 70). Notamos então que mesmo que estes movimentos involuntários sejam substituídos por movimentos voluntários esses movimentos são realizados de forma desordenada, sem muito controle, mas são realizados, por exemplo, quando o bebê começa a andar de forma descontrolada cambaleando de um lado para o outro, pois bem esta é uma demonstração do estágio de inibição ao reflexo.

O segundo estágio é o do pré-controle “em torno de um ano de idade o bebê começa a ter maior precisão e controle desses movimentos” (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 70). Neste período a criança desenvolve ganhos rápidos nas suas

capacidades de movimentos neste processo de desenvolvimento. Para o mesmo autor:

No estágio do pré-controle, as crianças aprendem a adquirir e a manter o equilíbrio, a manipular objetos e locomover-se no ambiente com incrível grau de proficiência e controle, considerando-se o curto período de que dispõem para desenvolver essas capacidades. (GALLAHUE *et al.*, 2013, p.70).

Do exposto compreendemos que é nesse estágio que a criança inicia uma nova fase da vida onde ela começa a explorar as capacidades de seu corpo desenvolvendo o modo de andar, de agarrar coisas, até mesmo de iniciar as primeiras palavras. É bom deixarmos claro que a passagem de uma fase para a outra não é algo que acontece de um dia para o outro, são estágios que são construídos gradativamente ao longo da vida, todos os dias estamos em constante desenvolvimento, é importante ressaltarmos a necessidade de compreender cada etapa da vida, assim aumenta a possibilidade de conseguirmos distinguir as diferenças que encontramos quando se trata de crianças autistas. O próximo tópico a seguir é referente a fase dos movimentos fundamentais.

Os padrões do movimento fundamental são padrões de comportamentos básicos observáveis. As atividades locomotoras, como correr e pular, as manipulativas como arremessar e pegar, e as estabilizadoras, como caminhar sobre uma barra e equilibrar-se em apenas um pé, são exemplos de movimentos fundamentais que podem ser desenvolvidos durante os primeiros anos da infância (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 71).

Assim sendo, esta etapa nada mais é que o aprimoramento de algumas habilidades motoras que já vinham sido trabalhadas nos estágios anteriores, pois alguns componentes básicos antes de uma criança conseguir correr é essencial para o seu desenvolvimento seja adquirido de modo a criança conseguir executar movimentos mais refinados e com mais precisão, neste período entre 5 a 7 anos criança já executa alguns movimentos bem mais elaborados, porém, não estão sendo executados de maneira correta, é simples mas com mais desenvoltura. Corroborando com Oliveira e Sartié (2017), é nesta fase que entre três até cinco anos de idade que fica mais evidente o comportamento de uma criança com transtorno do espectro do autismo, no seu modo de andar, falar, manipular objetos, nos seus comportamentos afetivos com os pais, e já nesta fase o professor precisa descobrir novos métodos de como planejar aulas onde a certeza do sucesso deste aluno seja evidente.

Esta fase dos movimentos fundamentais é composta por três estágios, o primeiro é o estágio inicial, “o estágio inicial da fase do movimento fundamental representa as primeiras tentativas infantis orientadas para o objetivo de executar uma habilidade fundamental” (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 72). Ou seja, essas tentativas de movimentos são executadas com uma má coordenação, movimentos insatisfatórios. Por exemplo, quando a criança começa a correr de maneira desordenada.

Estágios elementares emergentes, esta fase segundo Gallahue *et al.* (2013), existem um maior controle motor e coordenação rítmica das habilidades que são desenvolvidas nos movimentos fundamentais, por exemplo, nesta etapa, os padrões de movimentos melhoram, porém podem ser movimentos exagerados ou com um menor fluxo, se tratando de elementos temporais e espaciais, onde existe maiores desenvolvimentos, daí com esses movimentos relacionados a espaço e tempo a criança entra no último estágio que é o proficiente.

O estágio proficiente, na fase do movimento fundamental, caracteriza-se por performances mecanicamente eficientes, coordenadas e controladas. As habilidades do movimento fundamental proficiente são maduras nesses três aspectos do processo. No entanto, com oportunidades contínuas de práticas, estímulos e instrução, elas melhoram cada vez mais em termos dos componentes do produto – distância, rapidez, quantidade e precisão (GALLAHUE *et al.*, 2013, p. 72).

Do exposto, podemos perceber que a prática de exercícios físicos pode dar continuidade no desenvolvimento motor, caso a criança não tenha o autismo, caso ela tenha é necessário um planejamento realizado de maneira especializada para esta criança, já que até aqui os movimentos estão sendo feitos com maior índice de melhoria, com mais precisão, porém é imprescindível que a atividade física seja estimulada para que a criança consiga chegar até a próxima fase com o melhor movimento possível. A próxima fase é a última, segundo os estudos realizados até aqui é a fase dos movimentos especializados.

As habilidades dos movimentos especializados são resultados da fase especializada, “o movimento torna-se uma ferramenta aplicada a uma série de atividades de movimento complexas para a vida diária, recreação e resultados esportivos” (GALLAHUE, *et al.*, 2013, p. 73). Logo, esses movimentos produzidos nesta última fase, que é entre 7 e 14 anos ou mais segundo o mesmo autor, é o resultado final das outras habilidades desenvolvidas anteriormente, portanto aqui fica claro todas as habilidades que a criança desenvolveu anteriormente e aqui

podem ser trabalhadas em atividades físicas como saltar, pular, correr, já podem ser introduzidas em aulas relacionadas ao atletismo, lutas, esportes, dança.

Já a criança com autismo nesta fase segundo Oliveira e Sartié (2017), pode exigir mais do professor, por necessitar de uma atenção mais complexa, desde o início do movimento até o final deste movimento, por exemplo, ao executar um rolamento, a criança sem o autismo, pode o executar apenas observando, o autista pode vir a ser diferente, talvez ele possa necessitar que o professor o ajude a fazer o movimento subdividindo ele em fases para facilitar o desenvolvimento deste aluno. Para isso buscamos a inclusão de todas as crianças que necessitam de atendimento especial. Para tanto é necessário que buscassem conceitos relacionados à escola inclusiva.

Para compreendermos melhor sobre o que é uma unidade de ensino inclusiva, buscamos dentro da literatura alguns conceitos e selecionamos um, de maior facilidade de entendimento. Pois a facilidade da interpretação é essencial para a construção do conhecimento, tornando-se também inclusão.

Escola inclusiva: instituição de ensino regular aberta à matrícula de TODOS os alunos indistintamente. Este conceito, é a base de sustentação da compreensão de escola que, além de trabalhar o conhecimento universal nas suas manifestações contemporâneas, tem também, a responsabilidade de objetivar processos de aprendizagem de acordo com as particularidades de cada aluno (CARNEIRO, et al. 2013, p. 30).

Logo, a identidade da escola inclusiva, se dá por comportar todos os alunos com necessidades especiais, de modo com que esses alunos tenham a mesma oportunidade e direito de qualquer outro, dentro da práxis educativa, uma das maiores forma de incluir o aluno dentro da educação física é dar a ele o mesmo direito de aprender, pois só assim os princípios inclusivos serão adotados e conseqüentemente a educação se tornará de qualidade e inclusiva.

Ao nos referir a AD, podemos identificar muitas maneiras de contribuir com o desenvolvimento destas crianças autistas, pois como já foi citado anteriormente, que a criança aprende ao brincar, então encontramos dentro desta vertente de desenvolvimento motor uma oportunidade para facilitar o desempenho destes alunos dentro da instituição de ensino. Para tanto, fica a critério de o professor buscar meios para este ensino, logicamente dentro da práxis educativa, todos os métodos de ensino são aceitos, desde que este método alcance e satisfaça a necessidade do aluno.

Quando se trata da AD, percebemos um amplo campo de trabalho, que pode ser identificado na escola usando esta abordagem para planejar as aulas, por exemplo, qualquer atividade esportiva, onde prioriza-se o movimento, qualquer brincadeira que o mover-se é o principal objetivo, ou qualquer atividade aquática buscando relacionar o movimento, pode ser usado como meio para o desenvolvimento motor das crianças, e assim contribuir com todas por meio desta abordagem.

Ao observarmos o processo do desenvolvimento motor, deve ser adotada primeiro uma perspectiva teórica. Cada um de nós precisa de uma estrutura teórica como base para as ações. Não é importante concordar com a estrutura teórica apresentada aqui. O modelo da Ampulheta Triangular é o nosso modo de ver o processo de desenvolvimento motor e suas implicações para a vida (GALLAHUE, *et al.*, 2013, p. 81).

A ampulheta Triangular, nada mais é que o modo de observar todas as fases do desenvolvimento motor citada acima, como ela se desenvolve gradativamente durante todo o ciclo da vida, um simples processo que todos nós passamos independentemente de problemas psicomotores, o único problema pode acontecer no tempo de cada um.

Para dar sequência e finalizar nosso trabalho, no próximo capítulo iremos analisar alguns artigos realizados com o objetivo de mostrar aos leitores algumas formas de intervenção, usando a AD, como meio norteador das intervenções, procurando, alimentar-se de variados métodos de como planejar uma aula de educação física para autistas, e como esta aula pode contribuir para o desenvolvimento de crianças autistas. Os artigos foram retirados do Google Acadêmico e Scielo, foram selecionados apenas três para realizarmos as demais pesquisas relacionadas a atividades ou as intervenções já realizadas, e mostraremos alguns resultados finais destas intervenções.

3. MÉTODOS DE INTERVENÇÕES USANDO A ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTA PARA ALUNOS COM TEA: TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O presente capítulo tem como objetivo analisar e discutir acerca de intervenções de cunho educativo, com práticas de atividades físicas bem planejadas e dirigidas por professores bem qualificados, atendendo as demandas da AD (Abordagem Desenvolvimentista), para assim entendermos algumas circunstâncias de intervenções com crianças com TEA.

Esta análise é de cunho bibliográfico, buscamos dentro das publicações, alguns artigos para elaborarmos estes levantamentos de dados. Para tal, o mesmo foi subdividido em três subitens, cada um correspondendo a análise de um artigo, de antemão, deixaremos claro que existem poucas pesquisas usando esta temática: Autismo e Educação Física, num mesmo sentido, de buscar possíveis contribuições para o desenvolvimento cognitivo motor e social de crianças com TEA, os artigos aqui referidos, foram selecionados devido seus objetivos que os mesmos foram alcançados.

Ao se tratar de problemas que afetam o comportamento motor de pessoas, que caracterizam sua personalidade o Transtorno do Espectro Autista, percebemos a importância de analisar questões referentes as intervenções pautada na abordagem desenvolvimentista, para que assim possamos planejar aulas de cunho esportivo ou voltado para brincadeiras, danças, ou qualquer atividade física que tem em sua essência o corpo em movimento, segundo Gallahue *et al.* (2005), onde existe vida existe movimento. Assim sendo, se tratando do ser humano o movimento torna-se algo de natureza muito importante para sua sobrevivência e o seu desenvolvimento enquanto pessoa, buscando sua evolução constante na qual estamos sempre crescendo.

3.1. EFEITOS DE INTERVENÇÕES RELACIONADAS AO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS AUTISTAS

Buscando atender nossas respectivas dúvidas relacionadas ao aplicar intervenções voltadas para o desenvolvimento motor em crianças autistas, e se

estas podem atingir melhoras significativas, e assim contribuir para o desenvolvimento cognitivo motor e social de crianças diagnosticadas com TEA.

Todas as atividades aqui relacionadas partem do princípio da atividade física que para a criança se configura em brincar, seja qual tipo de brincadeira, usando a imaginação ou não, “No que diz respeito ao brincar, os prejuízos no jogo simbólico podem ser observados desde os 18 meses. O nível do jogo simbólico tende a ser sempre menor que o nível adquirido da linguagem, o brincar é sempre menos elaborado”. (ARAÚJO, 2011, p. 181). Tudo se inicia através do brincar.

O primeiro artigo que escolhemos para analisar e discutir acerca desta vertente tem como título: Efeitos da Intervenção Motora em uma Criança com Transtorno do Espectro do Autismo, publicado em 2013, que se configura em relato de caso, escrito por Francisco Rosa Neto, Kassandra N. Amaro, Ana Paula M. dos Santos, Regina F. C. Xavier, Joanna de C. Echevarrieta, Daiane Lazzeri de Medeiros, Leonardo Jatobá gomes. Logo, eles trazem uma breve análise alguns sinais que uma criança autista demonstra:

A criança com TEA demonstra dificuldade em compreender seu corpo em sua globalidade e em segmentos assim como seu corpo em movimento. Esse déficit na percepção corporal faz com que os movimentos, os gestos e as ações sejam pouco adaptados. O desenvolvimento do equilíbrio estático, da lateralidade e da noção de reversibilidade se encontra prejudicado, bem como as funções de base necessárias à aquisição da autonomia e de aprendizagens cognitivas. (NETO *et al.*, 2013, p. 10).

Diante do exposto, podemos entender a importância da atividade física está presente em programas de intervenções, com o simples e importante objetivo de desempenhar um papel importante no desenvolvimento global de uma criança com TEA, assumindo a responsabilidade de ser a parcela mais importante usada como meio para melhorar a vida de um autista.

As etapas do estudo deste artigo que estamos examinando, envolveram a seguinte sequência: avaliação motora, aplicação do programa de intervenção e reavaliação motora. “A avaliação motora inicial da criança foi realizada com a aplicação da Escala de Desenvolvimento Motor – EDM. Essa escala compreende um conjunto de provas diversificadas e de dificuldades graduadas, sendo cada uma delas específicas a uma idade cronológica.”. (NETO *et al.*, 2013, p. 111). Avaliando as áreas da motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, organização temporal e lateralidade.

Estas provas podem ser aplicadas usando: circuitos motores, jogos de raciocínio, sempre aumentando o nível, avaliando qualquer índice de desenvolvimento, para isso cada professor tem um método específico para avaliar estas etapas, alguns usam números comparativos, outros gráficos e tabelas. O importante são os resultados finais.

As intervenções motoras foram realizadas pelos próprios pesquisadores e ocorreram nas dependências do CEFID / UDESC, em espaço amplo, iluminado e sem barulhos. O programa desenvolvido teve um total de 30 intervenções, organizadas em duas sessões semanais, com duração de 50 minutos cada. (NETO *et al.*, 2013, p. 111).

Do exposto, podemos notar que foram necessários outros estudos na área para a realização da intervenção, utilizando planejamentos específicos para cada etapa com durações de uma aula normal, para que as observações possam ser feitas sem nenhuma interferência externa. “A criança participou das intervenções juntamente com mais cinco crianças, desempenhando as mesmas atividades propostas para os outros alunos da turma.” (NETO *et al.*, 2013, p. 111). Logo, podemos notar que não houve restrições das atividades os alunos participaram das mesmas atividades proposta a todos. O objetivo geral proposto no artigo do programa de intervenção foi “estimular e aprimorar as áreas do desenvolvimento motor por meio de atividades lúdicas e estimulantes. Após o período estipulado para as sessões de intervenção, a criança foi submetida a uma reavaliação motora com a EDM”. (NETO *et al.*, 2013, p. 111).

3.2. PLANEJAMENTOS E EXEMPLOS DAS INTERVEÇÕES USADAS

Para o planejamento das intervenções foram usadas as bases do desenvolvimento psicomotor da educação física, ligados a abordagem desenvolvimentista e em cada uma delas foram apontadas as atividades realizadas nas intervenções, por exemplo: Motricidade Global: Circuito com obstáculos (banco, elástico, corda, bola, cones), jogos com música (estátua), vivo ou morto, jogos com bolas. (NETO *et al.*, 2013). Aqui foram realizadas atividades simples, que abrange toda a motricidade global das crianças.

Motricidade Fina: Jogos de encaixe, separar blocos por cores, desenho, pintura, pinçar pequenos objetos, passar fio na tela, furar pontos em isopor. (NETO

et al., 2013). A motricidade fina trabalha com pequenos grupos musculares mais compostos nas mãos, em manusear pequenos objetos, usando o máximo de atenção possível para que a atividade seja realizada com sucesso.

Equilíbrio: Diferentes posições, com diversos materiais (auxiliares ou não), jogos de troca de nível (subir e descer, correr e parar) etc. (NETO *et al.*, 2013). Esta abordagem da psicomotricidade para este grupo de crianças autistas pode usar matérias para ajudar no desempenho do equilíbrio, ou até mesmo outro colega, as maneiras com as quais os professores irão trabalhar é naturalmente subjetiva, os métodos nunca são discutidos, o mais importante é o professor mediador, conseguir seus resultados ao final do processo.

Esquema Corporal: Brincadeiras no espelho, relacionamentos (monitor, pais, amigos), brincadeiras cantadas, atividades com papel, tinta e figuras geométricas etc. (NETO *et al.*, 2013). O conhecimento do corpo é de extrema importância para a criança autista, saber onde fica e qual nome dos seus membros, saber onde fica a boca, os olhos, o nariz, e este tipo de atividade supracitada é considerada, muito simples e eficaz para o desenvolvimento destas crianças.

Orientação Espacial: jogos de quebra cabeça e encaixe, manusear vários materiais e classificar (grande / pequeno, grosso / fino, mole / duro). (NETO *et al.*, 2013). Este aspecto relacionado com o ambiente da criança, onde ela se encontra, tamanho deste ambiente, conhecendo seus ambientes, seja ele na escola ou em meio a sociedade, o que ela pode fazer ou não nestes locais vai se referir ao seu ambiente.

Orientação Temporal: Estimular a composição de frases, conversar, cantar, brincadeiras com música (ritmo), palmas, bater o pé e parar. (NETO *et al.*, 2013). Aqui podemos analisar algumas falhas que a criança autista pode ter como já estudamos anteriormente, quando nos referimos no primeiro capítulo sobre o autismo, por exemplo, a ecolalia (repetições de frases fora do contexto), esta parente neste transtorno, e através das atividades propostas acima isto de ser trabalhado.

Lateralidade: Jogos de encaixe, arremesso, jogo com bolas, saci-pererê, circuitos, máscara, binóculo, olho mágico. (NETO *et al.*, 2013). A lateralidade, como bem sabemos, é uma função de extrema importância para determinar noções de direita/esquerda, baixo/cima, as crianças autistas como já foi dito nos capítulos anteriores, tem dificuldades quando se trata deste elemento, e através das

atividades propostas acima podemos esperar possíveis resultados significativos dentro do desenvolvimento motor de crianças autistas.

Podemos identificar em cada ponto citado acima, todas as atividades que foram sugeridas e realizadas para a intervenção com as crianças autistas realizadas por Neto *et al.* (2013), cada elemento aqui citado são pontos que naturalmente uma criança autista se encontra com dificuldade, lembrando que segundo Sobral (2019), a criança autista pode ter dificuldades em determinadas atividades identificadas com atividades simples ou não, ao mesmo tempo que ela possa encontrar dificuldades a mesma pode identificar a atividade como algo muito simples e inútil para ela. De todo modo, é importante que cada atividade proposta acima seja realizada conforme foi estabelecido pelo autor.

No que se refere a crianças que apresentam alguma necessidade de Estimulação Precoce, o “brincar se apresenta como recurso terapêutico, relacional, lúdico e com foco no investimento de todo o seu potencial de desenvolvimento, respeitando sua idade (cronológica e corrigida), e suas escolhas” (CIPRIANO; AMEIDA, 2016, p. 80), assim estabelecendo um ambiente acolhedor para estas crianças e suas famílias.

Logo, percebemos a necessidade de brincar que toda criança tem, conforme os autores acima descrevem, o brincar é a primeira relação que a criança participa com o meio social, desde o período neonatal, até o final da sua infância. Adquirindo experiências que a brincadeira proporciona fazendo referências a vida social que com o passar do tempo esta criança estará engajada.

O déficit do comportamento social é um dos deficit centrais no TEA, e surgem nos diferentes níveis do brincar. Alterações significativas no brincar já podem ser observadas no primeiro ano de vida e tendem a perdurar ao longo da vida. A primeira fase do desenvolvimento normal do brincar, que envolve comportamento manipulatório e explorativo com objetos, está caracterizada, na criança com autismo, por um grande número de aspectos não usuais. Essa criança tende a restringir a atividade exploratória e a limitar a manipulação a poucos objetos, o que prejudica o desenvolvimento posterior do brincar. (ARAUJO, 2011, p. 178).

Podemos perceber que a criança autista tende a não conseguir executar a brincadeira como uma criança dita como normal, seus limites já serão notados desde este início. Esta criança pode se recusar a explorar o seu mundo imaginário, se privando de brincadeiras em grupos, mas para que seu desenvolvimento seja

construído, é eficaz que o brincar faça parte da vida de uma criança autista, lhe proporcionando novas buscas, novas descobertas.

O TEA pode dificultar o desenvolvimento da fase de brincar de uma criança autista, segundo Bernert (2013), este transtorno interfere diretamente na capacidade de a criança interagir com pessoas e objetos, fazendo com que apresente dificuldades no engajamento em atividades lúdicas, é necessário que isto seja identificado logo nos primeiros anos quando esta criança já estiver inserida no contexto escolar, e completa dizendo que, além disso, essas crianças apresentam “percepções limitadas e distorcidas de si e do mundo, fazendo com que apresentem diminuição na capacidade de planejar e executar atividades motoras e cognitivas, e apresentam má organização do comportamento.” (BERNERT, 2013, p. 169).

Logo podemos identificar a falta do exercício repetitivo que a atividade física proporciona para quem a pratica. E finalizando o mesmo autor explica que é por isso, algumas delas podem apresentar as seguintes características ao brincar: “movimentos excessivos, hesitação de movimentos, diminuição na exploração, diminuição no brincar motor grosseiro e manipulativo, aumento de brincadeiras solitárias e repertório restrito de atividades lúdicas.” (BERNERT, 2013, p. 169).

Diante do exposto entendemos a necessidade de iniciação das intervenções serem feitas de maneira precoce, para que a criança vivencie de maneira natural, momentos que contribuirão para o seu desenvolvimento social, e o brincar também está relacionado a AD, pois o mover-se, faz parte da brincadeira, utilizando a imaginação, referente a objetos ou outras formas de interagir com o brincar.

Saviani (2014, p. 19) contribui falando a respeito da relação que o brincar possibilita entre pais e filhos, focando no aprofundamento de vínculos ao afirmar que “ao brincar com a criança, os adultos fortalecem seus vínculos com ela, favorecendo o desenvolvimento pleno de suas competências cognitivas, afetivas e relacionais”. A experiência de vinculação através de brincadeiras também pode ser explorada por terapeutas que acompanham a criança, bem como professores de educação física que fazem parte do seu dia a dia em seus processos de aprendizagem dentro das instituições de ensino.

Deste mesmo modo segundo Almeida (2014), quanto maior for o repertório lúdico da criança, em outras palavras quanto mais ela brincar aleatoriamente, maior será a capacidade dela em representar seus papéis em suas brincadeiras e jogos, ampliando suas possibilidades e competências, e aplicando isso na sua vida social,

de certa forma isso irá contribuir com este papel social, Com o brincar ela constrói novos conhecimentos através dos papéis que representa, amplia sua linguagem, sua habilidade motriz, além de organizar e fortalecer suas emoções, sentimentos e afetividades.

Assim podemos perceber o papel que o brincar se faz na vida de uma criança, podendo também ser utilizado como modelos de intervenção, todas as abordagens psicomotoras citadas anteriormente realizadas através do equilíbrio, noções espaciais, lateralidade, em fim todas essas competências, tem na sua base a brincadeira, o brincar, o que queremos deixar claro aqui antes de iniciarmos as discussões, é que de certa forma tudo se inicia através do ato de brincar.

3.3. DISCUSSÕES RELACIONADOS AS INTERVENÇÕES.

Segundo Neto *et al.* (2013), estes “programas de intervenções promovem ganhos importantes e significativos no desenvolvimento motor, físico e social de crianças” (2013, p. 112). Para o mesmo autor neste atual estudo, as intervenções promoveram melhores níveis motores na criança, garantindo e demonstrando ganhos importantes em seu desenvolvimento motor, apesar das dificuldades motoras encontradas, pois cada aluno se desenvolve de maneira individual, alguns encontram dificuldades outras facilidades. Para complementar a ideia o mesmo autor diz:

Além dos fatores relacionados à criança, há também os fatores ambientais que podem influenciar seu desenvolvimento, entre os quais os mais importantes são a idade em que a criança começa a frequentar ambientes sociais, o nível de estresse familiar com que convive e a habilidade dos pais em disciplinar seus filhos. Esses fatores estão diretamente relacionados à família e, portanto, os programas de intervenção devem oferecer maior apoio à família de crianças com TEA, a fim de reforçar seu desenvolvimento. (NETO *et al.*, 2013, p. 121).

Do exposto, podemos perceber a importância de a criança iniciar as atividades ou frequentar clubes de jogos ou dança em fim qualquer atividade física ainda bem cedo, pois como o autor vem relacionando acima a idade com a qual a criança se inicia dentro dessas práticas também é levado em consideração. Em consonância com Formiga (2004), A participação da família é fundamental para o desenvolvimento das relações motoras; a orientação domiciliar e individualizada aos responsáveis de crianças com necessidades especiais em atividades de vida diária

nas áreas de autocuidado, mobilidade e função social influenciam positivamente na funcionalidade, adquirindo melhoras significativas no seu desenvolvimento motor.

Poeta e Neto, (2005), dizem que importantes comorbidades podem estar associadas à hiperatividade e ao déficit de atenção, assim esses sintomas estão relacionados às perturbações motoras. Alguns sintomas de hiperatividade estavam associados ao quadro clínico da criança com TEA do presente estudo, o que pode justificar os déficits motores analisados nesta pesquisa. A realização de movimentos finos envolve precisão, atenção e habilidades sensoriais e perceptuais, qualidades que estão comprometidos nas crianças com hiperatividade.

Não obstante, os resultados encontrados referentes à motricidade fina, na atual pesquisa, foram muito inferiores, porém após as intervenções motoras foi evidenciada melhora significativa, assim como na motricidade global, que obteve padrão de desenvolvimento após as sessões, fato este que reverencia, ainda mais, o programa de intervenção motora, para a contribuição de desenvolvimento de crianças com TEA.

Matson *et al.* (2010), defendem que a criança com TEA está sujeita a atrasos no seu processo de desenvolvimento motor, com déficits nas habilidades motoras tanto grossa como fina, assim esses atrasos são nítidos precocemente na vida da criança e devem ser alvo de tratamento em programas de intervenção motoras realizadas ainda nas fases iniciais, para que assim o tratamento seja alvo de sucesso.

Para Neto *et al.* (2013), uma vez que a comunidade científica se preocupa em encontrar meios para diagnosticar o TEA precocemente, acaba-se por se atentar às observações das características motoras ainda na fase inicial, logo, poucas pesquisas são direcionadas às crianças com TEA no período escolar, o mesmo autor completa dizendo, uma vez que o meio educacional, ainda na escola, se refere a um ambiente em que grande parcela do desenvolvimento integral e afetivo da criança ocorre neste meio, além do fato de que as crianças encontrarem-se dispostas a diversas formas relacionais com o seu corpo, com brincadeiras simples direcionadas, assim justifica-se a necessidade de maiores pesquisas dentro desta vertente da educação.

As intervenções relacionadas no presente estudo, mostram a necessidade que uma criança autista tem com a relação social, na maioria das vezes em pesquisas científicas notamos estas necessidades, a busca pelo tratamento

uniforme sem restrições a criança sem o autismo em relação à criança com o autismo, é necessário que o convívio social faça parte de seu tratamento, iniciando junto a família, a estruturação da família deve ser pensada de modo a contribuir com o desenvolvimento destas crianças.

Para Almeida (2014), muitas das formas que podemos trabalhar comportamentos rígidos através do brincar, é atribuindo à criança a possibilidade de ela brincar com brinquedos estruturados ou não estruturados de forma criativa, usando a sua própria criatividade, acessando e ampliando seus recursos imaginativos, como podemos observar nos variados jogos simbólicos. Como discutido e exposto anteriormente, as crianças com TEA apresentam baixo potencial imaginativo e é nesse sentido que devemos condicionar esta criança a desenvolver esta percepção.

Nas crianças com TEA podemos observar “comprometimentos significativos no ato de imitar movimentos faciais e de gestos, bem como apresentam dificuldades para imitar tardiamente ações sobre objetos” (ARAÚJO, 2011, p. 183), então se fizermos intervenções buscando jogos cooperativos, podemos atingir uma melhora significativa nessas crianças, por conta das repetições que o jogo oferece ao praticante. Além disso, as crianças com TEA apresentavam prejuízos importantes na imitação. Logo, “concluíram que elas manifestavam dificuldades não de imitar as ações em si, mas por um prejuízo na reciprocidade emocional, que dizem respeito à identificação subjetiva com o outro” (ARAÚJO, 2011, p. 184).

Do exposto notamos que ao aplicarmos jogos relacionados ao conhecimento corporal mútuo, podemos alcançar bons resultados por se tratar de que a criança deve identificar com qual parte do seu corpo ela deve chutar a bola, ou com qual ela deve arremessar, então partindo do simples para o complexo, evitando que esta criança perca a motivação de estar ali praticando, pois isso pode ser um problema para o professor.

Em consonância com Neto *et al*, (2013), considerando os resultados deste estudo, atenciosamente verificamos que as sessões de intervenções realizadas no período de estudo proporcionaram ganhos motores em quatro das seis áreas motoras avaliadas na criança, estabelecendo a performance de cada aluno, proporcionando a eles a melhor forma do convívio social, educacional ou seja as contribuições, em relação as intervenções são de maneira ampla para proporcionar a cada criança uma vida social com uma ideologia normal. Desse modo, a atual

pesquisa conseguiu cumprir seus objetivos, abrindo horizontes revelando espaços para a realização de novas pesquisas aprofundadas na área, para a questão do desenvolvimento motor em crianças com TEA.

Todas as atividades envolvendo jogos, brincadeiras, dança, lutas, podem ter componentes que facilitam o desenvolvimento de crianças autistas, partindo do lúdico envolvendo o desenvolvimento motor, citado por Gallahue, et al. (2013), Tani (2005; 2008) e outros, podem contribuir para o desenvolvimento deste grupo especial, não deixando sempre de estar incluindo este grupo de alunos nas aulas, pois tudo faz referência a inclusão, é necessário que nós como professores utilizamos desta pesquisa para tirar proveitos em relevância a estes temas da área da educação física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do viés inicial do presente trabalho, ou seja, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em atividades físicas na escola, o presente estudo iniciou-se com o objetivo de analisar diversas possibilidades onde a Educação Física, pode contribuir no desenvolvimento motor deste grupo de crianças, de forma a incluir os alunos com TEA, nas aulas de Educação Física. Naturalmente percebemos a dificuldade que este grupo especial se encontra nos dias atuais, contudo estas dificuldades se dão em: relacionar-se com outras pessoas, na fala, no desenvolvimento cognitivo e também nos aspectos de desenvolvimento motor que são os principais. Diante destas circunstâncias, buscamos nos informar o máximo possível para que assim possamos contribuir com este papel de incluir e ofertar a todos os alunos a mesma educação, com o mesmo nível de qualidade, deixando com que cada aluno se desenvolva em seu tempo, isso é de extrema importância em questão de educação.

Ante o exposto, a problemática de pesquisa que norteou este trabalho foi: como a Educação Física pode melhorar os conhecimentos teóricos e práticos relacionados aos aspectos sociais cognitivos e motores de crianças autistas? dentro de toda a história da Educação Física, partimos do princípio de tudo que nada mais é que o movimento, desde o passado nos primórdios já praticavam suas atividades físicas mesmo sem identifica-la assim, para tal, isso se dava através da caça, pesca, luta entre tribos e outros movimentos relacionados ao mundo primórdio. Portanto, aqui fica claro que o movimento está presente em nosso mundo desde o início, e este movimento, ou seja, esta forma de se movimentar contribuiu para o desenvolvimento do homem, até os dias atuais, para que o desenvolvimento do homem seja realizada gradativamente é imprescindível que ele se movimente, independentemente de como for, ou no que se diz respeito ao trabalho, esporte ou qualquer área que subsequentemente exija movimento.

O Transtorno do Espectro do Autismo é uma condição que interfere no desenvolvimento cognitivo e motor das pessoas que compartilham destas imposições motoras, que se caracterizam em um transtorno, as maiores dificuldades se encontram em sua interação social, pois podem se tratar de pessoas agressivas, impulsivas, algumas com dificuldades de se locomover. Para tanto, usamos a prática do movimento para que assim possamos contribuir com seus possíveis

desenvolvimentos. A prática de atividade física bem esclarecida com bons objetivos, usando métodos que estão acerca da abordagem desenvolvimentista, pode ter melhoras significativas no seu desenvolvimento.

O presente trabalho, teve um bom desempenho em relação as pesquisas para conseguirmos bons resultados, deixamos explícitos algumas possibilidades de novas pesquisas usando a mesma linha de pesquisa referida no exposto trabalho, mas com objetivos e métodos diferentes. Logo, os nossos objetivos foram alcançados, pois identificamos muitas possibilidades nas literaturas científicas publicadas até aqui de relacionar atividades físicas com crianças autistas e assim contribuir com seu desenvolvimento motor, todas essas atividades devem ser bem planejadas partindo de atividades simples para atividades mais complexas, sem deixar que a criança em foco perca a atenção, pois isso pode fazer com que ela não tenha bons resultados e assim a mesma poderá perder a vontade de se envolver com as atividades propostas.

Ante o exposto, deixaremos claro que não existem muitas pesquisas com relação a este tema, mas as poucas que conseguimos, foram pesquisas onde envolveram intervenções com crianças especiais (Autistas). Os resultados destas pesquisas obtiveram algo consideravelmente esperado, partindo do pressuposto que crianças autistas não praticam atividades físicas, podemos identificar que um dos principais pontos que desqualificam a inclusão de crianças com TEA, se baseia na falta de conhecimento profundo com relação a este grupo especial, pois é de grande importância que professores se aprofundem em conhecimentos ligados a este tema, para que suas aulas sejam inclusivas e de bom desempenho, colocando crianças com necessidades especiais em aulas práticas, por exemplo, jogos cooperativos brincadeiras de roda, lutas, atletismo, entre quaisquer outras atividades que envolvam grupos de alunos e o movimento, pois estar relacionando-se com pessoas, é uma etapa extremamente importante para o desenvolvimento do seu ser como cidadão, também contribui para o desenvolvimento deste grupo especial.

Logo, podemos analisar dentro do presente trabalho, que a prática de atividade física é o melhor meio para que pessoas se interajam entre si, estas interações fazem parte do desenvolvimento social que é necessário para o convívio entre o meio educacional, familiar e social que estamos envolvidos. A Educação Física, é o meio que usamos para que estas intervenções aconteçam, de bom grado

e com significâncias positivas, pois só através do convívio entre pessoas estes grupos especiais podem se desenvolver com mais facilidade.

O papel que traz a inclusão é algo natural e humano, é necessário para a busca da igualdade social, que nos ampara pela constituição de 1988, onde explica que o direito de ir e vir é de todos, direito a educação de qualidade, a saúde, a moradia, tudo isso é direito nosso e dever do estado nos ofertar, porém, nós como professores devemos dar uso destes escritos e praticar todos os dias, nos envolvendo e atribuindo e forma legal e inclusiva a educação a todos, para que assim estes possam se desenvolver naturalmente e viver como qualquer outra pessoa dita como normal.

Deixamos claro que dar uso do gosto individual de cada aluno, pode também ser um bom método para que o professor ganhe a atenção deste grupo de alunos, usando atividades que possivelmente são as mais preferidas, usando a mesma linguagem, os mesmos sinais, isto pode contribuir para que a intervenção seja de qualidade. A atividade física é um meio saudável para todos aqueles que à praticam, e como foi dito dentro de todo o desenvolver do presente trabalho, a atividade física pode resultar em melhoras significativas no desenvolvimento de crianças com TEA, por tanto, é essencial que eles sejam incluídos e tratados de maneira com que façam uso de tudo aquilo que será aproveitado em uma aula de Educação Física, em sua vida social, desde já deixamos claro que todas as áreas que estão engajadas dentro da Educação Física são individualmente terapêuticas a quem necessita, pois o esporte além de educar traz saúde, a dança segue o mesmo padrão, o atletismo também vai pelo mesmo caminho.

Quanto mais nos informarmos com relação ao autismo, podemos atribuir a este grupo melhores aulas, motivadoras e inclusivas, pois o principal motivo do presente trabalho se desencadeia na falta de inclusão que notamos, assim esperamos que a inclusão a partir daqui possa ser notada com outros olhares criticamente positivos, com bons significados para cada aluno com necessidades especiais, estamos rodeados de crianças que precisam de ajuda, que podem ser pessoas tão boas ou bem melhores que as ditas como normais, pois são sim joias que necessitam serem lapidadas por mãos sábias, e aqui encerramos deixando claro que este nada mais é que o papel do professor. Assegurar-se que todos os seus alunos podem e devem ter escolhas de vidas melhores, respeitando a individualidade de cada um, o tempo, e o desenvolvimento dentro das suas aulas,

deixamos aqui nossas reflexões acerca do presente trabalho, através dos achados que estão perdidos ou não dentro da literatura, e que esses nos asseguram que a Educação Física o amor ao esporte a dança entre outros pode salvar vidas e dar a elas novas oportunidades, capazes de apreciar e buscar novos horizontes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.T.P. **Brincar: uma aprendizagem para a vida**. In: (Org.). Brincar, amar e viver. Vol. 1 ed. São Paulo: Storbem Gráfica e Editora, 2014, p. 21-72.

ARAÚJO, Ceres. Alves. De. **Psicologia e o transtorno do Espectro do Autismo**. In: SCHWARTZMAN, J. S., ARAÚJO, C. A. de. Transtornos do Espectro do Autismo. São Paulo: Memnon, 2011, p.173-201.

BERNET, D. R. **A importância do brincar no desenvolvimento da criança com o TEA**. In: OMAIRI, C. et al. Autismo: perspectivas no dia a dia. Curitiba: Lthala, 2013, p. 165-172.

CARNEIRO, Érico Francisco Vieira *et al.* Relma Urel Carbone. **Formação de educadores e a construção da escola inclusiva**. Dourados, MS. Editora UFGD, 2013. (Coleção Cadernos Acadêmicos).

COSTA, Camila Rodrigues; FERREIRA, Mariana Oliveira; LEITÃO, Marcelo Crepaldi **Aulas de educação física: inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista**. Revis. Educação Online. N. 26. Dez 2017. Disponível em <http://educaçãoonline.edu.puc-rio>. Acesso em 20 Dez. 2019

BERNET, D. R. **A importância do brincar no desenvolvimento da criança com o TEA**. In: OMAIRI, C. et al. Autismo: perspectivas no dia a dia. Curitiba: Lthala, 2013, p. 165-172.

CIPRIANO M. S. E ALMEIDA M. T. P. **O BRINCAR COMO INTERVENÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO**. Revista: Extensão em Ação. Publicado em Out. 2016. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar>. Acesso em: 10/04/20.

CAMPOS, Mariana Fernandes, MENDES, Vera Lúcia Ferreira. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DSM-5. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais**. Ed. 05. Porto Alegre. Associação brasileira de psiquiatria. 2014. Disponível em: <https://www.secad.com.br/blog/psiquiatria-2/dsm-5-diagnostico-transtornos-mentais>. Acesso em: 04/02/20.

FORMIGA, Cibele Kayenne. PEDRAZZANI, E.S. **Desenvolvimento Motor de Lactentes pré-termo participantes de um Programa de Intervenção Fisioterapêutica Precoce**. Revista brasileira de fisioterapia. 2004.

GALLAHUE, David I. OSMUN, John C. GOODWAY, Jacqueline D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. Bebês crianças e adolescentes. 7º ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GALLAHUE, David L; DONNELLY. Frances Cleland. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as Crianças**. Ltda. São Paulo. 1º Edição brasileira. 2008.

MATSON, J.L. Mahan S, Fodstad JC, Hess JA, Neal D. **Motor skill abilities in toddlers with autistic disorder, pervasive developmental disorder-not otherwise specifi**. Ed: and atypical development. Revis. Autism Spect Dis 2010. Disponível em: <http://www.motricidade.com.br/pdfs/artigos/2013.5.pdf>. Acesso em 12/05/20.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR** o que é? por quê ? como fazer?. São Paulo: Summus, 2015.

MENDES, Marcelo de Melo, PÁDUA, Karla Cunha. **Influência da formação na prática de professores de Educação Física que atuam com alunos com deficiência: um estudo no sistema de ensino especial**. Dissertação de mestrado do primeiro autor, 2010.p.113-139. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article>. Acesso em: 12 de out. 2019.

NETO, Francisco Rosa. *Et al.* **Avaliação motora em escolares com problemas na aprendizagem escolar**: – Programa de motricidade infantil “perfil motor em crianças avaliadas em um programa de psicomotricidade”. Temas desenvolvidos 2013; 74:19-24. Disponível em: <http://www.motricidade.com.br/pdfs/artigos/2013.5.pdf>. Acesso em: 11/05/2020.

OLIVEIRA, Karina Griesi, SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. Einstein (São Paulo) vol.15 no.2 São Paulo Apr/June 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=ng=en&nrm=iso&tlng=pt.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

PENSI. Instituto Pense. **O que é Autismo ou Transtorno do Espectro Autista?** Disponível em: <https://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/>. Acesso em 20 de out. 2019.

PESSOA, João. **CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA/** Cartilha institucional. Disponível em: https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf. Acesso em 31 de out. 2019.

POETA, Lisiane S, NETO, Francisco Rosa. **Intervenção motora em uma criança com Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH)**. Revista digital Buenos Aires. Lecturas. EF y Deportes 2005; 89:1-6. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd89/tdah.htm>. Acesso em 02 de Fev. 2020.

NETO, Greisy. K. B. *et al.* **Desenvolvimento motor de criança com paralisia cerebral: Avaliação e intervenção.** Rev. Bras. Ed Esp. 2008; 14:163-76. Disponível em: <http://www.motricidade.com.br/pdfs/artigos/2013.5.pdf>. Acesso em: 10/05/2020.

SAVIANI, Iraci; PINHEIRO, Risélia. **Formação em espaços lúdicos.** São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Coleção Primeiríssima Infância, v. 5, 2014. Disponível em: http://agendaprimeirainfancia.org.br/arquivos/caderno_05_web_cor.pdf. Acesso em: 01 de Jan de 2020.

SOBRAL, Osvaldo José. **Educação básica diferentes olhares/** Daniel Junior de Oliveira e Elisabeth Maria de Fátima Borges (organizadores) – Goiânia: Editora Publicar, 2019.

TANI, Go. **Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Guanabara ed.: Koogan, 2005.

TANI, Go. *Et al.* **Educação física escolar: fundamentação de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1988. disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2757482/abordagem-desenvolvimentista-go-tani>. Acesso em: 15 de dez de 2019.

